



EÇA DE QUEIRÓS
DESENHO INÉDITO DE ELBI SEABRA

SUMÁRIO

- 254 EÇA DE QUEIRÓS
CENTENÁRIO DA MORTE
por Paulo Samuel
- 255 NO CENTENÁRIO DA MORTE
DE EÇA DE QUEIRÓS
por José Carlos Seabra Pereira
- 262 «EÇA DE QUEIRÓS REVOLUCIONÁRIO»
por José Pereira de Sampaio (Bruno)
- 266 NOVA CARTA A UM AMIGO QUEIROSIANO
por João Bigolte Chorão
- 268 EÇA DE QUEIRÓS
E JOAQUIM DE ARAÚJO
por A. Ferreira de Brito
- 271 EÇA «SAUDOSISTA»
por José Valle de Figueiredo
- 274 EÇA DE QUEIRÓS
E A REVISTA DE PORTUGAL
por Paulo Samuel
- 283 EÇA DE QUEIRÓS:
A ESCRITA DO MUNDO
por Carlos Reis
- 288 VIDA CULTURAL
- 293 ACONTECEU HÁ 50 ANOS

PROPRIEDADE: ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO PORTO

SEDE: Palácio da Bolsa • R. Ferreira Borges
Telef. 22339060 • 4050 Porto

ADMINISTRAÇÃO: Eng. Vergílio Folhadela Moreira (Presidente)
Eng. Francisco de Almeida e Sousa (Administrador)
João Ruq Ribas dos Santos (Administrador)

DIRECÇÃO: Dr. F. Almeida Conde (Director)
Dr. Augusto Canedo (Director Adjunto)

CONSELHO DE COORDENAÇÃO: Dra. Maria do Pilar Garcia
Dra. Alexandra Fernandes, Dr. José Fragoso, José Leão

Depósito Legal n.º 11497/86 • Registo na D.G.C.S. n.º 107643

Revista Mensal • Preço: 850\$00 • Assinatura Anual: 8.500\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA: UNIARTE GRÁFICA • PORTO

DISTRIBUIÇÃO: MÁRIO DA SILVA BRAGA, LDA.
Rua Duque de Terceira, 271 - 4000 PORTO

TIRAGEM: 5000 EXEMPLARES

7.ª SÉRIE • ANO XIX • NÚMERO 8 • AGOSTO 2000

PATROCÍNIO:  CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

NUCLEO DE PERIODICOS

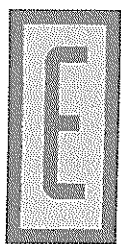
FLUP-BIBLIOTECA O



764731

008(05)
Tri.





ÇA de Queirós fez parte de um grupo de cónsules literatos oitocentistas que se afirmaram, por diversas vias e com diversas vozes, nos domínios da Literatura e da Cultura da época, em que se destacaram Joaquim de Araújo, Xavier de Carvalho, Mariano Pina, Jaime de Séguier, António Portugal de Faria e António Feijó, os quais tinham de Portugal e do Estrangeiro imagens não necessariamente coincidentes e até mesmo opostas. Joaquim de Araújo, Portugal de Faria e Xavier de Carvalho batiam-se abnegadamente pela expansão europeia dos valores idiossincráticos da Cultura lusa, da «portugalidade», afirmando, alto e bom som, nas principais cidades da Europa, a grandeza dos seus génios matriciais: Camões, Bocage, Garrett, Herculano, Camilo, João de Deus, Antero de Quental, estrelas de excelso brilho numa galáxia de muitas outras que contribuíram, cada uma a seu modo, com o seu pensamento e o seu talento, para lançarem as bases da identidade cultural lusa. Outros diplomatas, como Eça de Queirós, com a sua pena elegantemente irónica, traçaram de Portugal uma imagem deslustrada e ridícula: a de um país submetido ao Estrangeiro, sem rasgos de um pensamento e de uma arte próprios e originais no concerto europeu.

Bastante mais novo do que Eça, Joaquim de Araújo preferiu aproximar-se de João de Deus, Teófilo Braga, Camilo Castelo Branco, Antero de Quental, nunca tendo revelado uma grande sedução literária pelo autor de *Os Maias*. No espólio da sua vastíssima correspondência guardada na Biblioteca Nacional de São Marcos de Veneza, constituído por cartas de variadíssimos correspondentes nacionais e estrangeiros, é estranho que não se encontre nenhuma carta queirosiana. Julgamos que Araújo não teria estima especial pelo romancista, demasiado *dandy* para o seu gosto de fidalgo provinciano, bem como não apreciaria sobremaneira o seu tipo de romance realista que não se coadunava com a sua estética de neo-romântico e parnasiano. Se romances havia que interessassem o seu gosto marcadamente poético e o levassem a propor e a orientar traduções de romances em línguas europeias, eram as *Viagens na Minha Terra*, de Almeida Garrett, *As Pupilas do Senhor Reitor*, de Júlio Dinis, e o *Amor de*

EÇA DE QUEIRÓS E JOAQUIM DE ARAÚJO

Perdição, de Camilo, que foram vertidos em várias edições na Europa, algumas por seu intermédio. O roteiro romanesco sociológico de Eça não o atraía. Assim como não lhe agradaria toda a mordaz verve queirosiana, que acusava os intelectuais lusos, contemporâ-

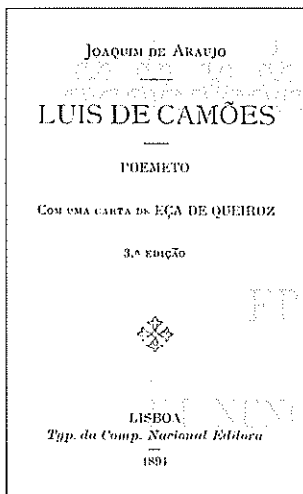
neos, de traduzir a França em vernáculo ou em calão. Eça viria a ser a vítima exemplar dessa mesma acusação quando o público português, também por culpa sua, desacreditado no seu génio criativo original, quis ver em *O Crime do Padre Amaro* um inconfesso plágio de *La Faute de l'Abbé Mouret*. Araújo discordava ainda da imagem de «vencidismo» postiço, que, na sequência do *Ultimatum* desmoralizante e do pessimismo finissecular, Eça pretendia atizar com a magia da sua prosa.

O cónsul de Portugal em Génova aproveitava todas as efemérides para afirmar a grandeza moral e intelectual da sua pátria. Julgamos ter sido esta visão pessimista de desistência geracional por parte de Eça que terá evitado a aproximação íntima ao romancista, já que Araújo se tinha colado geracionalmente a todos os grandes



DESENHO DE ABEL SALAZAR





10 CARTA DE EÇA DE QUEIROZ

Infelizmente, para mim o trabalho não é um doce deslizar pela corrente serena do ideal — mas uma subida arquejante por uma dura montanha acima. As deseises ou vinte paginas que V. me pede, á pressa, levar-me-hiam um longo tempo a escrever — e eu teria de interromper obra que está na forja, quente e fumegando, para ir malhar outro ferro. Não sei além disso muito bem o que poderia dizer sobre os seus sonetos; se obedecesse ao meu impulso natural diria apenas uma palavra: isto é docemente lindo,—

12 CARTA DE EÇA DE QUEIROZ

do o seu mysterio. As obras de arte devem fallar por si mesmas, explicar-se por si mesmas, sem terem necessidade de pôr ao lado um cicerone. Acompanhar um livro de versos de critica já feita, é querer impôr um guia á emoção do leitor. O leitor detesta isto. Creia que os seus sonetos serão mais bellos, vistos sós, na sua pureza escultural de linhas nobres — sem lhes pôr em redor toda a complicação da minha prosa. O meu prologo seria um bocadinho de chumbo alado á aza duma linda e ligeira ave...

Bristol, 15 de junho.

Meu caro amigo,

S E eu tivesse a divina faculdade improvisadora de Ariosto ou essa colossal facilidade á Dumas, que cria uma obra entre dois cigarros — não deixaria, decerto, pela muita sympathia que V. me merece, de satisfazer o seu pedido dum prologo quasi pela volta do correio.

CARTA DE EÇA DE QUEIROZ 11

e não saberia acrescentar mais nada. Para fazer um estudo sobre a Evolução Moderna da Poesia, necessitava a largueza do livro; não me bastaria o artigo.

Os seus sonetos, para encantarem, não necessitam dos meus laboriosos commentarios. Se os Rousinoes, por motivos philosophicos, se decidissem a não cantar, sem terem ao lado um critico habil que lhes explicasse o canto — deve confessar, meu caro Araújo, que os arvoredos perdiam logo todo o seu idyllio e to-

CARTA DE EÇA DE QUEIROZ 13

Publique os seus sonetos sós, e os homens de gosto ficar-lhe-hão agradecidos.

De resto, como lhe disse, a difficuldade é V. ter pressa e eu ser um homem de inspiração tão lenta.

Creia-me, meu caro Araújo,

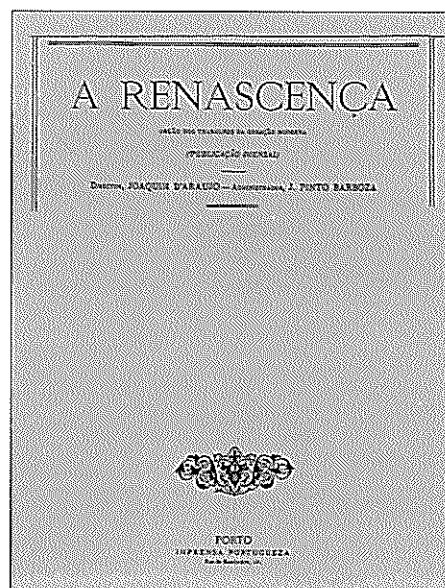
Sen muito dedicado
Eça de Queiroz.

artistas lusos do seu tempo. Não é que ele não tenha descoberto o génio queirosiano. Simplesmente não se sentia à vontade a lidar com o romance queirosiano de teor realista/naturalista, baseado em métodos de análise social estranhos à sua visão romântica do mundo. Mas, no princípio da carreira artística, Araújo foi menos selectivo e dirigiu-se por carta ao então Cônsul de Portugal em Newcastle. E dele obteve uma resposta, data de 25 de Fevereiro de 1878, que era um retrato/biografia de Ramalho Ortigão, para ser inserida na galeria de personalidades, a que a sua revista *A Renascença*, acabada de criar, daria a justa publicidade. *A Renascença* esteve para a geração nova como *O Panorama* tinha estado para a geração romântica, a qual, de algum modo, se prolongou nela. A pretexto da «ramalhal figura», Eça traça um juízo global muito pessimista sobre a sua geração — a de 70. Foi esse documento, pelo seu estilo incisivo e judicativo, que haveria de marcar todos os estudos críticos deste período histórico-cultural: «Esta geração tem o aspecto de ter falhado»⁽¹⁾. Não menos impacto terá tido sobre o romantismo retardado da maior parte dos portugueses de então esta tirada queirosiana dessa carta: «Constitucionais, Socialistas, Miguelistas, e Jacobinos, de resto para mim, como romancista, são todos produtos sociais, bons para a Arte, quando são típicos, todos igualmente explicáveis, todos igualmente interessantes; o dever do artista é estudá-los, como o botânico estuda as plantas, sem se importar que seja a beladona ou a batata, que envenenem ou nutram»⁽²⁾. Ora, por mais que o director de *A Renascença*, no seu artigo crítico de abertura, afirmasse que a sua revista queria «representar a sua época /.../ com todas as suas tendências e com todas as suas aspirações»⁽³⁾, a verdade é que Joaquim de Araújo só projectou difundir na Europa nomes e obras romanescas de inspiração romântica, distanciando-se, por omissão ou por opção, da via realista/naturalista queirosiana. Joaquim de Araújo, que abordara na angariação de poesias e artigos para as suas revistas todo o espectro da intelectualidade portuguesa, conservadora ou inovadora, não se ficou por esta tentativa de aproximação a Eça. Assim, em 1887, Araújo escreve nova carta ao romancista, solicitando-lhe um prefácio para o seu poemeto *Luis de Camões*, constituído por 17 sonetos. Eça respondeu com uma nova carta, de belo recorte estilístico, cheia de graça e humor, justificando-se de não





JOAQUIM DE ARAÚJO



CAPA DA REVISTA,
PUBLICADA NO PORTO
E DIRIGIDA POR
JOAQUIM DE ARAÚJO

aceder ao seu pedido de redigir um prefácio convencional. Araújo deu a volta ao problema, publicando a carta como prefácio do seu livrinho, que valorizou grandemente a sua edição. Eça escrevia então: «Os seus sonetos, para encantarem, não necessitam dos meus laboriosos comentários. Se os Rouxinóis, por motivos filosóficos, se decidissem a não cantar, sem terem ao lado um crítico hábil que lhes explicasse o canto — deve confessar, meu caro Araújo, que os arvoredos perdiam logo todo o seu idílio e todo o seu mistério. As obras de arte devem falar por si mesmas, explicar-se por si mesmas, sem terem necessidade de pôr ao lado um cicerone. /.../ Creia que os seus sonetos serão mais belos, vistos sós, na sua pureza escultural de linhas nobres — sem lhes pôr em redor toda a complicação da minha prosa. O meu prólogo seria um bocado de chumbo atado à asa duma linda e ligeira ave... Publique os seus sonetos sós, e os homens de gosto ficar-lhe-ão agradecidos»⁽⁴⁾. Furtando-se a uma apreciação valorativa do poemeto, Eça punha nas mãos de Araújo, sempre faminto dos juízos dos grandes, uma carta, que, como quase todas as suas, foi escrita para a posteridade. Araújo agradeceu-lhe, dedicando ao romancista o soneto que serve de epílogo *Et nunc et semper*.

É de mais documentos não dispomos para mostrar que estes dois intelectuais portugueses se estimaram e inter-relacionaram, sobretudo na última década do século, quando Araújo estava em Itália, mas viajava frequentemente por Paris.

Sente-se, de facto, um enorme vazio quando Araújo (que era uma espécie de comentador necrológico oficial ou

oficioso da morte das mais prestigiadas figuras literárias portuguesas, como Antero e Camilo), se cala no momento da morte de Eça, em 1900. Como explicar igualmente o vazio epistolar entre Eça e Araújo, quando este era uma espécie de biblioteca ambulante para todos os estrangeiros e portugueses que recorriam ao bibliófilo e ao bibliógrafo penafidense para as mais variadas perguntas sobre a língua e a Cultura portuguesa? Fica-nos uma sensação de estranheza. E como a imaginação não pode suprir a falta de documentação para clarificar esta lacuna, que, conhecendo bem Araújo, nos parece anómala, ficamo-nos pela explicação mais inocente: a de que os dois vultos insignes tinham diferentes leituras da vida intelectual lusa no contexto nacional e europeu. Eça não acreditava no projecto de uma geração original, capaz de fazer Portugal pulsar ao ritmo europeu. Araújo fazia um acto de fé nas virtualidades pátrias e sobretudo na pujança criativa dessa geração histórica ligada, sem interrupções obscurantistas, aos grandes pilares renascentistas da Cultura lusa⁽⁵⁾.

A. FERREIRA
DE BRITO

NOTAS

(1) *A Renascença*, vols. II e III, p. 20.

(2) *Idem*, p.21.

(3) *Ibidem*.

(4) Luís de Magalhães, *Luís de Camões – Poemeto*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1887, p.3.

(5) Sobre este assunto, veja-se o nosso estudo, *Joaquim de Araújo e a expansão europeia da Cultura Portuguesa*, Porto, Instituto de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 2000.